REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

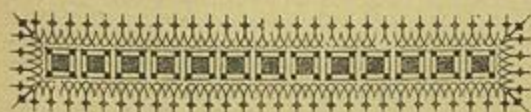
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

21.º Anno — XXI Volume — N.º 701

20 DE JUNHO DE 1898

Redacção – Atelier de gravura – Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

A feira franca continúa a chamar concorrencia ao alto da Avenida. Diz-se que será prorogada por mais um ou dois mezes.

O officio da commissão executiva do centenario da India pedindo essa prorogação foi discutido n'uma das ultimas sessões da Camara Municipal de Lisboa.

Será uma distracção para o povo e mais commoda por certo que as decrepitas feiras de Alcantara e de Belem.

O verão entrou comnosco, mas a vespera de Santo Antonio, que tão bulhentamente costuma ser celebrada na Praça da Figueira e arredóres, mostrou-se d'esta vez carrancuda e chuvosa.

Bategas d'agua cahiram toda a noite e sobre as calçadas lamacentas poucos bailes foram organizados.

O verão chegou depois de uns dias de rigoroso inverno, chuvas, trovoadas e uma saraivada de tal ordem, que as pedras foram comparadas a todos os ovos, desde o do colibri até ao do avestruz, não esquecendo o da pomba, conhecida unidade d'este genero de medidas.

Interrompeu-se a toirada, onde capinhas, matadores, intelligente, bois e espectadores, foram corridos á pedrada pelas nuvens. Uma debandada! Verdade seja que a toirada promettia pouco.

Mas as nuvens já lá vão e o vento norte, mais fresco, promette-nos agora uns dias esplendidos.

Escasseiam certas noticias que no inverno enchem as linhas das chronicas; mas por emquanto não ha razão de queixa, que as novidades abundam n'outro genero e até em algum d'aquelles de que o inverno costuma ser prodigo.

Continuam, claro está, voltadas todas as attenções para as noticias da guerra entre hespanhoes e yankees, guerra que muitos annunciavam de curta duração, mas que parece dever entrar pelo inverno, se as outras potencias não intervierem, como é de esperar.

De parte a parte tem havido verdadeiros arrojos e encarniçados teem sido os combates em terra. Tem a sorte favorecido as armas americanas; mas a victoria decisiva ha de custar muita vida e muito dollar.

Ha nações moribundas, como disse o celebre politico inglez, não sei se pensando em Portugal, se na Hespanha, mas a agonia d'uma nação dura annos, e do estertor, ainda ás vezes, se arriba.

Não se morre assim, quando ha razões para se ter apêgo á vida.

As nações são mais comparaveis a certas arvores do que propriamente á humanidade. Decepem á vontade uma oliveira, rasguem-lhe os ramos, cortem-lhe o tronco, façam-lhe com as achas uma fogueira em cima; as raizes conservam a vida e duas folhinhas verdes, que um beijo do sol na primavera faça rebentar sobre as cinzas, serão o nuncio da nova arvore que ha de crescer, que em maio se encherá de flôres, e de fructos no outono.

A Hespanha está-nos dando uma eloquentissima lição de quanto bem merece um povo honrado e de quanto mal lhe faz um desgoverno. O peior é que quem mais paga as culpas não é sempre quem as tem.

Barato é o saber que se compra com primeiro errar, dizia o rifão antigo. Mais barato ainda nos sahirá se nos servir o errar dos outros.

As ultimas desventuras de Portugal tiveram, pelo menos, uma vantagem, accender em muitos um amor, que parecia prestes a apagar-se.

No grande numero de publicações que appareceram, commemorando o centenario da India, as quaes todas foram escriptas com sincero enthusiasmo e muitas d'ellas procuradas com avidez, provou-se que ha felizmente ainda um amor grande ás nossas glorias passadas, amor que, temos essa esperança, será fecundo de glorias futuras.

O N.º 70 da *Revista do Exercito e da Armada*, correspondente ao passado mez de maio, insere varios artigos de illustres officiaes do nosso exercito e marinha, todos referentes ao facto commemorado e estimulantes dos brios de portuguezes.

GUERRA HISPANO-AMERICANA

OS REIS DE HESPANHA

(Copia de uma photographia de Valentim, de Madrid)

É bem conhecido dos leitores do Occidente o nome de Bento da França, distinctissimo official do nosso exercito. N'um bello artigo, que intitula Padrão de Sentimento Nacional, nos conta elle como nas cercanias de Cabo Negro foi encontrar um dos muitos padrões com que os marinheiros portuguezes foram marcando toda essa costa africana, conquistada, palmo a palmo, á custa de tantas vidas, de tanto sacrificio, contra tantos tormentos, tantos desesperos, peiores talvez que os horrores pelas lendas inventados!

Hoje os padrões que devemos erguer não são já como esse que Diogo Cão implantou no promontorio negro. Nos mares já não ha mysterios a desvendar, desde que os barcos portuguezes os sulcaram nos dois hemispherios. Mas a nossa missão ainda de todo não está cumprida. Os mysterios que ainda nos assombram só a historia do futuro poderia desvendal-os. E o futuro que nos reserva?

Pensemos no que fomos, de medital-o nos tornaremos melhores.

E assim termina o artigo do patriotico militar: —«Que a alma portugueza se affirme, elegendo no seu intimo um culto immorredouro ás glorias passadas, promessa solemne de não trepidar no futuro!»

Consola nos uma leitura assim, a nós que andamos fartos de vêr por ahi bastardos fazendo gala estupida no desprezo que quanto é nosso lhes merece. Bastardos será desgraça, d'isso fazerem gala é desvergonha.

E se essa commemoração festiva do centenario do grande feito levado a cabo pelos portuguezes concorreu por alguma forma para levantar espiritos abatidos, bemdita ella foi.

Alguma coisa ficou além da lembrança a apagar-se d'essas festas da rua, iluminações, cortejos, regatas e toiradas.

Lisboa voltou á tranquillidade normal; mas démos talvez um passo no bom caminho, de que tão descaminhados andámos.

Tranquillidade normal não quer dizer n'este tempo, com referencia a divertimentos, o que muita vez significa, logo que os primeiros calores apertam.

Muitos theatros se conservam abertos e no D. Amelia uma companhia hespanhola, das melhores que teem vindo a Lisboa, atrahe áquella salla de espectaculos a concorrencia, que faltou, enigma a decifrar, ás extraordinarias representações de Novelli.

O grande artista italiano está tirando a sua desforra no *Theâtre de la Renaissance* em Paris, onde tem sido alvo das maiores ovações e merecido os mais extraordinarios elogios a toda a critica parisiense. Na sua longa e gloriosa carreira artistica poucas alegrias terá tido o grande actor comparavel á que decerto lhe produziu a critica de Jean Aicard; o auctor feliz do *Papa Lebonnard*, peça, cuja interpretação é uma das coroas de Novelli.

O theatro da Rua dos Condes e o da Trindade continuam a explorar a opera comica e prepararam as suas peças novas. A interpretação do papel de *Manuela* no *Solar dos Barrigas* foi um triumpho para Palmyra Bastos.

Mas a grande novidade theatral da semana foi a primeira representação no theatro da Avenida da revista de Guedes de Oliveira, musica em grande parte original de Cyriaco de Cardoso, *Ali... á preta.*

Quatro mulheres de primeira ordem: Angela Pinto, um dos maiores e mais indiscutiveis talentos do theatro portuguez, cantando em portuguez, em francez, em hespanhol, um primor no palco, uma loucura na platéa! Theresa Mattos, primorosa nos seus papeis de lavradeira, voz bem timbrada, actriz de incontestavel valor, dando alma ás graciosissimas scenas em que entrou; Carmen Cardoso, que tão conhecida se tornou depois que cantou aquelle *fado do Jacintho* e que, com as lições de Cyriaco de Cardoso, tem feito notabilissimos progressos, desenvolta, graciosa, elegantissima; Dolores Rentino, que tem uma voz tão bonita como a cara e a cara mais bonita que ha em mulheres com voz.

Santinhos é dos melhores compadres de revista que temos visto. A sua naturalidade classifica-o entre os melhores actores de comedia. Taveira, empresario, director de scena, ensaiador, encarregou-se em Lisboa d'um papel que desempenhou com a maior graça.

Poema, musica, actores, scenographos, tudo applaudidissimo!

Mas não só os theatros publicos deram materia para a chronica.

Mais uma vez no Club de Lisboa, ao Calvario, se cantou a famosa opera portugueza, *Lancha Favorita*, poema do distincto professor Arthur Marinho da Silva e musica do nosso querido amigo e notavel maestro Filippe Duarte. Foram d'esta vez seus interpretes as Sr.as D. Maria da Madre de Deus Diniz e D. Julietta Hirsch e os srs. Paulo do Quental, Avelino Baptista e Christiano Telmo. Desempenho magnifico, côros magistralmente ensaiados. Um triumpho para todos!

Em Lisboa outras noticias theatraes não houve, porque a companhia do theatro de D. Maria anda em excursão pela provincia. Depois do Porto, Setubal. D'aqui partirá para Evora.

Fala-se muito no proximo concurso, em modificações de programma, em nomeações de fiscaes e de commissões. Fala-se, mas nada se fez por ora. D'aqui a dez dias terminam as escripturas dos actores actualmente em D. Maria. Nos outros theatros ha já muitos escripturados. Estes agora hão de procurar collocação. Os auctores, na duvida do que será, escolherão outros theatros para as suas peças, e entretanto continuar-se-ha a falar na decadencia do theatro portuguez no concurso, no programma, em fiscaes, em commissões e não se fará cousa nenhuma, que é isso o que a arte em Portugal merece aos altos poderes.

Parece que o theatro de D. Maria foi inaugurado em anno aziago. Começou este em sexta feira, 13, como dizia o Garrido n'uma magica?

Vae tudo muito bem.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

GUERRA HISPANO-AMERICANA

Reis de Hespanha

Mãe e filho Ella regente d'um enorme imperio a esphacelar se, elle o herdeiro do throno de Filippe II, em cujo enorme imperio o sol nunca deixava de lançar seus raios.

Ella é a viuva de Affonso XII. Elle não conheceu o pae. Quando o rei pequenino nasceu, debulhava-se em prantos a viuva!

Que amargos annos não tem passado a rainha Maria Christina, vendo, a cada instante, cambalear o throno do filho, em meio de tantas luctas da politica, de tantos desastres na guerra!

E a sua obra continua firme, e ella impellida pelo dever da sua consciencia, quantas vezes, Deus o sabe! em lucta com seu coração materno! Gravissimos deveres lhe impoz a herança Quão pesado não deve ter sido o sceptro para aquelle braço franzino de senhora!

Ha quasi treze annos que Affonso XII, em plena mocidade, foi arrebatado pela tisica, que nem perdôa aos vinte e poucos annos d'um rei E ella com uma creancinha no seio, a quem todos agoiravam poucos mezes de vida, teve que tomar a responsabilidade enorme de assumir, em nome do filho que estava para nascer, a regencia d'um dos maiores imperios do mundo, d'um dos mais difficeis de ser governado.

Affonso XIII! Treze é um numero fatidico. Hespanhoes supersticiosos pediam á Rainha que désse ao filho um outro nome. Mas que mãe quer ver sombras no futuro d'um filho? E como aquelle devia de ser amado! Como o tem sido e educado tão cheio de carinhos: dia a dia, durante os annos de meninice, insufflar-se lhe a vida, depois a mostrar-se-lhe o que a vida vale, lagrimas miserias, desillusões, até no alto dos thronos!

Mãe e filho! Dá-se-lhes *majestade*, mas ninguem olha para esse grupo que não sinta um véo de tristeza no coração!

Tristes noticias nos chegam sempre. A guerra continúa, fatal para as armas hespanholas, pouco afeitas aos desastres. É aos governos que a nação pede estreitas contas. Quem sabe o que o futuro reserva para esse pequenino tão triste, para essa mãe tão desgraçada?

Que se lhes deve desejar? Consciencias tranquillas e paz do coração.

EXPOSIÇÃO D'ARTE — A INFANCIA DO ARTISTA

Na bella exposição d'arte que o *Gremio Artistico* realisou este anno nas salas da Academia de Bellas artes de Lisboa, commemorando o centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India, figura a magnifica esculptura denominada a Infancia do Artista, obra genial de Soares dos Reis, d'esse talento privilegiado, que tão cedo se acolheu á paz do tumulo, e que n'aquella esculptura revelou o artista, auctor de tantas obras-primas, que o seu cinzel foi produzindo e enriquecendo a arte portugueza.

A Infancia do Artista, foi, por assim dizer, a primeira obra com que Soares dos Reis se apresentou em publico, e logo na exposição de Paris de 1878, onde a apresentou, mereceu uma mensão honrosa, premio certamente inferior ao merito da obra, mas importante dado n'um certamen onde concorria a grande arte de todos os paizes civilisados.

Esta bella obra d'arte, do malogrado artista, pertence á Ex.ma Sr.a Duqueza de Palmella, uma artista tambem, cujas obras teem sido admiradas em exposições nacionaes e extrangeiras.

CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA — O CORTEJO

Entre os numeros do programma das festas dedicadas á celebração do centenario da India, foi inquestionavelmente o cortejo civico aquelle que mais se impôz pelo seu pensamento e pela feliz realização que teve.

Varios elementos constituiram esta solennidade. Viram-se alli representadas as differentes classes sociaes, desde o alto dignitario até o modesto trabalhador; não devendo esquecer se nem o concurso valioso da mocidade das escolas, cuja expansiva alegria muito animou o cortejo, nem a exhibição interessante de algumas tribus indigenas do nosso dominio colonial, cujos trajos e movimentos attrahiram, pela extranheza, uma justa curiosidade.

E diga-se para elogio do paiz, tendo sido tão avultados os elementos constitutivos do cortejo, e tão compacta a massa dos espectadores, não houve, no espaço de seis horas, um unico disturbio, uma simples collisão em que os agentes da policia tivessem que intervir. Cremos que n'isto vai a prova mais caracteristica da indole bonissima do nosso povo.

Façamos a descripção do cortejo.

Era passada a uma hora da tarde quando as differentes corporações, reunidas na Praça do Commercio, d'alli partiram pela ordem que adeante designamos.

O itinerario foi: rua da Prata, rua da Betesga, rua Augusta, rua dos Capellistas, rua do Ouro, Rocio (lado occidental), largo do Camões, Avenida (rua central), rua de Alexandre Herculano, Avenida (rua oriental), largo da Annunciada, rua das Portas de Santo Antão, Rocio (lado oriental e lado do sul), rua Nova do Carmo, Rua de Garrett, praça de Luiz de Camões, em homenagem ao nosso grande epico, rua do Alecrim, caes do Sodré, onde o mesmo cortejo se dissolveu.

A ordem, a seguinte: Força de policia; piquete de cavallaria da guarda municipal; charanga de lanceiros 2; banda da Sociedade Recreativa Salvaterrense; collegios e escolas livres, com os seus estandartes e distinctivos, entre os quaes a banda dos cegos da escola de Castello de Vide, e a do asylo Maria Pia; escolas primarias officiaes; escolas industriaes; lyceu; instituto industrial; escolas superiores; representantes das academias do Porto e Coimbra e dos lyceus das provincias; tuna academica, com o seu estandarte; Academia de Estudos Livres; Academia Instrucção Popular, com o seu carro (carreta de incendios, flores e verdura, na frente o emblema da associação e na retaguarda a *Cartilha Maternal* de João de Deus); Gremio Popular, Asylo de S. João do Porto, Asylo de S. João de Lisboa, Gremio Luzitano, Escola Raphael Croner, Associação Propagadora da Lei do Registo Civil, Associação Escolar de Ensino Liberal pelo methodo de João de Deus, Academia Recreativa Portugueza, Associação Instrucção e Recreio João de Deus, de Paço de Arcos, todos com as suas faixas e estandartes; Academia Recreativa João de Deus, com a sua faixa e o seu carro (carreta funeraria, flores e verdura, quadro com photographias de socios, retrato de João de Deus, grande exemplar da *Cartilha Maternal*, quadros representando a partida de Vasco da Gama para a India e a sua chegada a Calecut); Academia Instrucção e Recreio Familiar Almadense, com a sua banda de musica; fanfarra Triumpho e Alliança do Campo Grande; pretos da Guiné, Inhambane e Cabo Verde, com os seus singulares trajos, ornatos e instrumentos, dansando e cantando, e entre os quaes rodava o carro da Sociedade de Geographia (puxado por seis cavallos, montados por soldados de artilharia, pôppa de um galeão do seculo XV sobre um

parallelepipedo de lona, as armas de Portugal e cruzes de Christo, escudo entre bandeiras com os nomes de varios africanistas, as armas de Lisboa, bandeira da Sociedade, cinco esphynges, uma esphera armillar, etc. — V. a nossa gravura); membros da Sociedade de Geographia; associações de educação e recreio, com as suas faixas e estandartes, entre as quaes o *sol-e-dó* Harmonia Lisbonense, philarmonica de Bemfica, banda dos bombeiros voluntarios de Cascaes, Sociedade Philarmonica Alumnos de Minerva, carro dos Atiradores Civis (puxado por duas mulas, montadas por soldados de artilharia, trophéos de armas antigas e modernas, palmas, bandeiras, clarins, etc., V. a nossa gravura); carro e pessoal dos armazens Grandella, com a sua tuna e o *sol-e-dó* de Bemfica; associações de assistencia e mutualidade, com as suas faixas e estandartes, entre as quaes a philarmonica do commando geral de artilharia, carteiros do Porto, com um livro distinctivo da associação, carteiros de Lisboa, fardados, philarmonica Sabino de Sousa, Misericordia de Lisboa, com o seu painel e tres bedeis, seguida do Recolhimento de S. Pedro de Alcantara, Misericordias de Alcochete, Castello de Vide e Aviz, a primeira com o seu painel, offerta de el-rei D. Manuel, asylo dos velhos, associação dos cortadores, com o seu carro (puxado por dois bois, flôres, espheras armillares, ancoras, quatro anjos dourados sobre um pedestal, em cujas faces se viam paizagens, marinhas, naus antigas, versos de Camões, um cepo, um cutello, balanças, toalhas, etc.); bombeiros de varias terras, em grande numero, uniformizados, com suas bandeiras, bandas dos de Santarem, Lisboa e Setubal, philarmonica União Cintrense, carro dos mesmos (puxado por quatro mulas, montadas por sotas-bombeiros, bandeiras portuguezas, palmas, uma bomba manual, escadas mangueiras, agulhetas, machados, cordas, archotes, baldes, na frente, entre duas escadas, a legenda *Vida por Vida* em lettras azues em fundo branco); vereadores de diversas camaras do paiz, precedidos pelos de Lisboa, com os seus estandartes, alguns dos quaes antiquissimos e de subido valor artistico; associações operarias, com as suas faixas, estandartes e outros distinctivos, entre as quaes a banda da Sociedade União e Capricho Olivalense, philarmonica Alumnos de Apollo, philarmonica de Aveiro, philarmonica União Chellense, philarmonica de Castro Vieira, carro dos estucadores e decoradores (puxado por quatro mulas, guiadas por um cocheiro da Luzitana, á frente duas cadeiras Luiz XV, na retaguarda, sob um docel, figura de Vasco da Gama, aos lados estofos, tapeçarias, ferramentas do officio, armas gentilicas, etc.), carro da Luzitana (grande *char-à-bancs*, puxado por tres muares, tejadilho com festões de flores e verdura, escudos com o monogramma V. C., bandeira vermelha da sociedade na portinhola da retaguarda), carro da Libertadora (puxado por um muar, pedestal no tejadilho com uma estatua de gesso ornada de flores e buxo, modelos de ferramentas de manipuladores de pão, instrumentos de lavoura, etc.), carro dos Manipuladores de Massas e Farinhas (rosas e verdura, quadros com productos da especialidade, emblema da associação, estatutos da mesma, quadro allegorico aos principios socialistas, retrato de Vasco da Gama), carro dos manipuladores de tabacos) puxado por seis bonitas mulas brancas, galeão rodeado de grandes charutos, grinalda com attributos de fumadores, escudos com o monogramma C. T., vasos com a planta do tabaco, pyramide com legendas, seis cachimbos enormes, d'onde sahia fumo, encimada por uma grande figura de mulher, de vestidos azues, com uma taça de ouro na dextra, envolta em nuvens de algodão e amparada por quatro anjos dourados, etc.—V. a nossa gravura), carro dos constructores civis (puxado por seis mulas, cobertas de pannos encarnados, flores, verdura, figura de mulher representando a Construcção Civil, esphera armillar sobre um guincho, moutões e ferramentas, panoplias dos lados com instrumentos de carpinteiro, pedreiro, canteiro, etc., asna de madeira de um edificio de construcção manuelina, na retaguarda bandeira vermelha, bordada a ouro, dá antiga casa dos Vinte e Quatro), carro dos typographos (puxado por duas parelhas de mulas, montadas por dois soldados de artilharia, estatueta de Gutenberg á frente, no centro grande prelo de madeira do seculo XVI, dos lados versos dos *Luziadas* a branco e ouro, instrumentos da arte, como caixas, componedores, galeões, etc.), carro dos jardineiros (puxado por um cavallo, ao centro um caramanchão de canna verde, á roda do qual um panno azul ornado de flores naturaes, e em artisticos trophéos sachos, regadores, enxadas, tesouras, cestos, etc.), carro dos gazomistas (puxado por duas juntas de bois, modelo de uma construcção para fabrico do gaz illuminante, alambiques, fogões, chaminés, contadores, bandeiras, verdura, á frente a legenda *Companhias reunidas Gaz e Electricidade*); toureiros, com o estandarte da associação de soccorros mutuos José Peixinho, cavalleiros, bandarilheiros, homens de forcado, campinos com os seus pampilhos, mula das farpas, cavallos de combate, etc.; associações e companhias commerciaes, industriaes e agricolas, com os seus estandartes, entre as quaes philarmonica Recreio Operario da Fabrica Port gal, philarmonica Concentração Musical 24 de Agosto, philarmonica da fabrica de louça dos Olivaes, carro do commercio e industria (puxado por duas juntas de bois do Minho, grupo de tres figuras primorosamente cinzeladas, tamanho maior que o natural, representando uma a cidade de Lisboa e as outras duas o commercio e a industria, pendão de velludo branco, ao fundo, com a torre de Belem, pintada a ouro, versos dos *Luziadas* e dedicatoria, vaso etrusco com perfumes, um galeão, um genio, empunhando uma trombeta, pinturas allegoricas e decorativas, escudos e palmas dourados com emblemas e disticos das associações Commercial de Lisboa, Industrial e de Logistas, symbolos do commercio e da industria, grande profusão de flores naturaes, etc), carro do Atheneu Commercial (puxado por oito mulas, montadas por quatro *jockeis*, pedestal artistico bastante alto, á frente a proa de um galeão, na retaguarda uma cabeça de elephante, tamanho natural, escudos, palmas, grinaldas de flores e de verdura, uma grande figura dourada, na face da frente, tocando a tuba e segurando as armas portuguezas, uma grande estatua de Mercurio, bronzeada, sobre um globo, encostado ao caduceu, etc. — V. a nossa gravura), carro da fabrica de louça da viuva Lamego (puxado por tres parelhas de mulas, parallelepipedo de azulejos, sobre o qual uma alta construcção de objectos de barro e louça, encimada pela figura da industria em barro, as armas portuguezas em azulejo, as figuras do commercio e da arte, modelando o busto de Vasco da Gama, estatuetas, leões, ornatos, vasos, talhas, manilhas, na retaguarda um retabulo com alguidares e outros objectos, e um azulejo com a figura de Vasco da Gama, etc., um conjuncto admiravel), carro da agricultura (puxado por duas juntas de bois, n'um trophéo de verdura e flores um florão de todos os instrumentos agricolas, feixes de trigo, centeio e cevada, etc.); grupo de campinos com os seus pampilhos; pescadores de Aveiro com as suas redes; carro do Club Naval (puxado por seis mulas, galeão portuguez do seculo XV, embandeirado, uma metralhadora, uma peça de tiro rapido, um canhão revólver, um torpedo, espingardas, instrumentos nauticos, etc.); charanga de cavallaria 4; officiaes do exercito de Africa; imprensa; carro da redacção do *Seculo* (carreta do serviço de incendios, ornada elegantemente, um numero do jornal, retrato de Gutenberg, photographias das machinas de imprimir, pedestal formado de um rolo de papel de impressão, mastro com a bandeira portugueza, gravuras, formas zincographicas, etc.); philarmonica Sociedade União Artistica Piedense; carro da imprensa (puxado por quatro mulas, montadas por dois soldados da administração militar, quatro aguias bronzeadas sobre livros, uma pyra dourada, envolta n'uma palma, um tinteiro enorme, pennas, na base da construcção a legenda *Associação dos Jornalistas)*; membros da commissão executiva do centenario. Fechava o prestito a charanga de artilharia 1 e um piquete de cavallaria da guarda municipal.

Em vista do bom exito obtido por esta festa civica, fazemos votos para que em futuros cortejos se possam observar resultados tão brilhantes como os de agora.

O RAMAYANA

POEMA SANSCRITO DE VALMIKI

I

Não é intuito nosso aprofundar a natureza, caracter e valor da obra de que nos vamos occupar. Escrevemos apenas sob a impressão que nos deixou no espirito a leitura do celebre poema. Depois do que os sabios teem escripto ácerca d'elle, depois da analyse anatomica que elles fizeram de cada um dos seus cantos, seria da nossa parte um esforço vão e inefficaz querer tentar a exposição minuciosa e difficil de uma obra que só agora, e a pouco e pouco, se vai tornando conhecida do mundo erudito. O estudo d'ella é identico ao que os pacientes descobridores de monumentos antigos fazem com os restos de edificios soterrados que, ao apparecerem, mal dão idéa do caracter a que pertencem, do tempo em que foram erigidos e da edade que teem.

O *Ramáyana* é um d'esses monumentos. Vasto em proporções, é impossivel dominar-se á primeira leitura; o espirito mais audaz e desenvolvido fica surpreso ante o estudo d'elle; a paciencia perde-se no meio dos horizontes incommensuraveis e meditativos dos seus cantos Filho o nosso espirito de outras idéas, de outros costumes, sem nenhuma familiaridade com o caracter da obra, a memoria rende-se, a attenção offusca-se, e os heroes que a imaginação do poeta creou, passam nos pelos olhos como phantasmas de um sonho singular, mysterioso, indescriptivel.

Talvez um dia, depois de repetidas leituras, possamos penetral-o com mais confiança e valor Por agora apenas nos atrevemos a pisar as margens d'esse pelago de bellezas, e a indicar uma ou outra das suas relações com a poesia universal.

II

Valmiki, o mythologico auctor do *Ramáyana*, é o mystico cantor da litteratura sanscrita, como Homero o é da litteratura grega.

Não se pode fixar bem a epoca em que se desenvolve a acção do poema. Tempos remotos e completamente tradicionaes, por mais que as azas do intellecto diligenceiem extender o vôo á fonte das suas origens, é difficil, muito difficil, estabelecer as epocas da acção, viver com as personagens, tractal-as, identificarmo-nos com ellas, como nos succede quando lemos a *Eneida* e os outros poemas do mesmo genero.

Ao meditar n'esta obra eminentemente mythologica, somos obrigados a descobrir n'ella, em vez da simples descripção de acontecimentos e situações da vida, um fim mais vasto e mais profundo, uma philosophia singular cujo aspecto e cujo todo causam pavor e arrastam o espirito a uma allucinação completa, fazendo-o errar n'um mundo de idéas que lhe é inteiramente desconhecido e incomprehensivel. O poema vaga desde Deus, desde o Infinito, até o ultimo atomo animado da materia.

O assumpto versa sobre a guerra tremenda e exterminadora que Râma, descendente da antiquissima estirpe que reinava em Ayodhyia (a moderna Aude), fez aos barbaros e feros habitantes da costa meridional da India e da ilha de Taprobana (Ceylão).

Râma, com um numeroso exercito reunido no vasto coração da India antiga e entre as escabrosidades dos montes Windhya, atravessa os paizes do Sul, levando a guerra ao longo das costas meridionaes, acompanhado sempre do espirito do triumpho em todos os recontros.

Râma é o heroe do *Ramáyana (Râma-Ramáyana)*, como Eneas o é da *Eneida*.

Valmiki é o creador d'esse typo energico e mysterioso, d'esse batalhador insigne, d'esse Attila dos seus tempos.

As raças barbaras contra as quaes Râma levava a guerra, eram differentes das indo-sanscritas em origem, em civilização e em culto; mas o creador do *Ramáyana*, semelhante ao divino cego da *Odyssea* que põe em Troia costumes, crenças e culto parecidos com os da Grecia, põe em Ceylão o mesmo caracter de vida que o dos seus conquistadores, e os mesmos costumes que tinha a India sanscrita.

Os *Rakchasas*, habitantes das terras invadidas pelo heroe indio, segundo as crenças populares da India, eram espiritos maleficos, demonios multiformes, crueis, terriveis, que perturbavam os actos dos sacrificios e os ritos do culto de Brâhma.

Rakchasas em sanscrito é a ultima expressão do odio com que os parciaes de Râma qualificavam os povos inimigos das suas religiões e dos seus mythos.

As Chronicas da ilha de Ceylão, particularmente uma intitulada *Ragavali*, falam de uma colonia indo-sanscrita que, meiado o sexto seculo antes da nossa era, sahiu do paiz chamado Calingapatam e foi estabelecer-se na ilha de Ceylão, fundando n'ella um novo reino. Os novos colonos acharam aquella ilha povoada de demonios que haviam feito d'ella sua morada mil oitocentos e quarenta e cinco annos antes.

Eram estes os naturaes das nações invadidas: os Rakchasas do *Ramáyana*.

O objecto principal do poema é a guerra terrivel e sangrenta que houve entre essas duas raças inimigas, contrarias em crenças e costumes.

O genio symbolico do Oriente representa essa guerra como a lucta tenaz, profunda e incessante

de principios contrarios, que são o principio do bem e o principio do mal.

III

Todos os poemas epicos da antiguidade conservam no assumpto o mesmo fundo que o *Ramâyana*. Assim como n'este os companheiros de Râma levantam numerosas hostes contra os Rakchasas, seus implacaveis inimigos, assim tambem Homero apresenta os filhos da Grecia empenha-

Mas, a nosso ver, o poema que mais semelhança tem com o *Ramâyana* no assumpto é o *Paraiso Perdido*. O Deus dos christãos no poema de Milton é a mesma entidade que Vischnu no *Ramâyana*; assim como Satanaz, o principio do mal, no poema de Valmiki é simplesmente a odiada raça de seres maleficos que querem intentar a ruina das augustas crenças religiosas dos filhos da antiga cidade de Ayodhyia. Veja-se como todas as obras gigantes do espirito humano teem entre si uma relação estreita e estão ligadas por

A poesia do *Ramâyana* é a poesia do Infinito, mais profunda, mais vasta, mais intima que a poesia de Homero. A d'este é mais brilhante, mais animada, mais repentina, mas tem menos arrojo. No *Ramâyana* a individualidade da personagem carece de relevo, não está concluida e, se bem que sublime e gigante, é mais vaga e mysteriosa. Homero, pelo contrario, cria o typo, educa-o e completa-o, fazendo d'elle um ser humano perfeito, com todas as suas virtudes e todas as suas perfidias. As personagens de Homero, tractamol-as,

CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA

EXPOSIÇÃO D'ARTE — A INFANCIA DO ARTISTA — Esculptura de Soares dos Reis

dos na terrivel guerra que levaram a Troia, guerra de exterminio animada por um odio eterno entre os dois contendedores; odio inextinguivel, selvagem, que mal se aplacou com a horrivel matança d'aquella noite de lucto em que o pio Eneas atravessou a cidade convertida n'um mar de fogo e de horrores.

O odio entre a estirpe de Râma e os habitantes de Ceylão é o odio entre Roma e Carthago prognosticado por Dido no seu leito de morte.

Nunc, olim quocunque dabunt se tempore vires
Litora, litoribus contraria, fluctibus undas
Imprecor, arma armis; pugnent ipsique nepotes...

uma cadeia que as prende todas a um mesmo tronco.

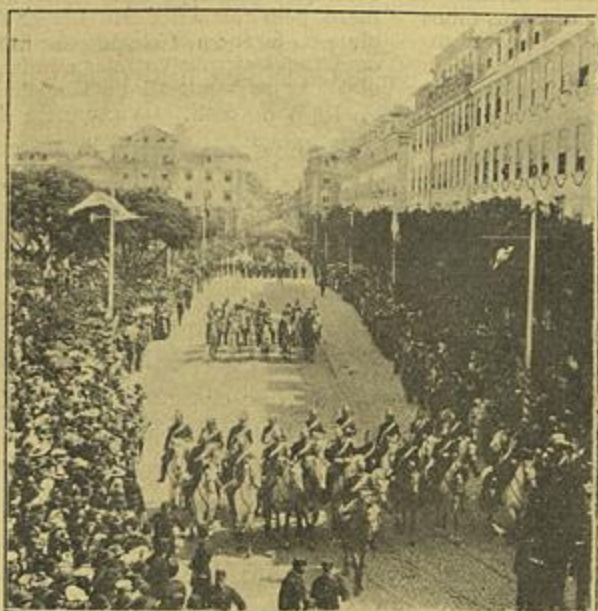
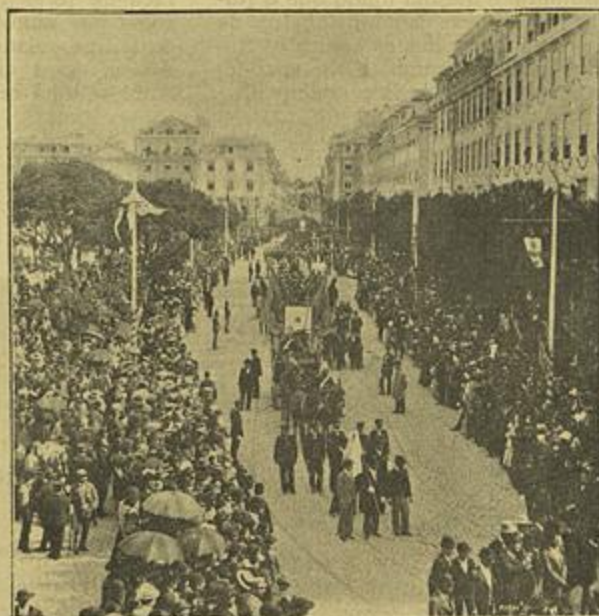
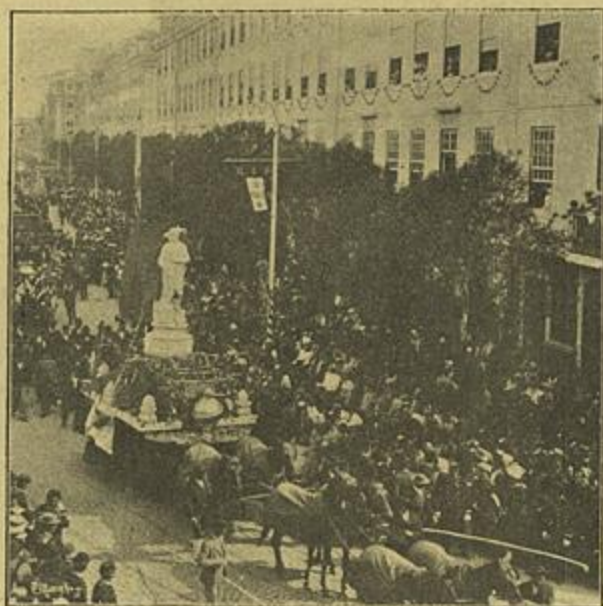
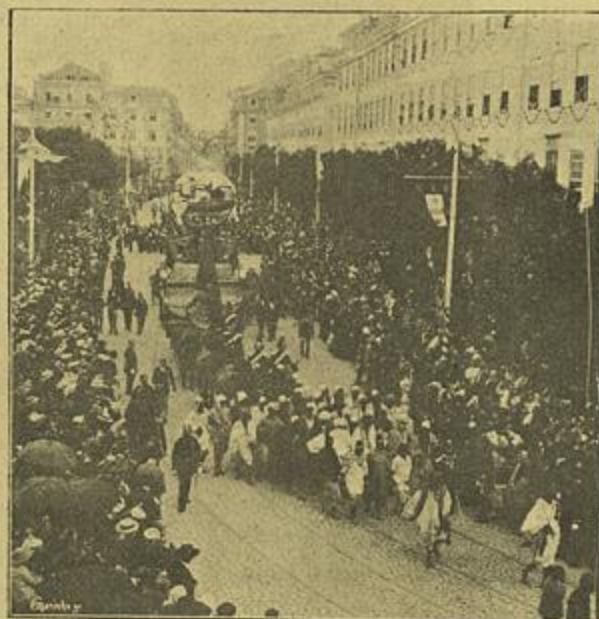
A antiguidade do poema, isto é, a sua creação, data, segundo Gorresio, do IX seculo A. C. Crêem muitos, e nós tambem o cremos, que, por causa dos abalos e revoluções sociaes das epocas, soffreu alterações que lhe fizeram perder em parte as suas formas primitivas.

Como já o indicámos, o *Ramâyana* da India tem muita analogia com a epopêa homerica da Grecia: a inspiração é a mesma, tem a mesma espontaneidade, a mesma frescura ingenua, o amor ás tradições patrias que tanto caracteriza a poesia primitiva.

conhecemol-as, porque, entes humanos como nós, podemos estabelecer com ellas comparações que nos tornam familiares com esses typos eternos dos seus cantos.

O *Ramâyana* é como o esboceto de um grande quadro, cheio de audacia nas idéas e de intenção no plano. Homero sem tanta audacia, offerece-nos um quadro completo com os devidos claros e escuros e sombras, que fazem destacar vivos e palpitantes, do fundo em que se acham desenhados, os heroes das suas descripções.

Vergilio vem descendo a escala no sentido de Homero; e, menos arrojado que este e Valmiki, os seus quadros avantajam-se aos primeiros em

CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA

Abertura do cortejo

Carro dos Atiradores Civis

Carro do Atheneu Commercial

Carro da Sociedade de Geographia

Carro dos Manipuladores dos Tabacos

Club Tauromachico

O CORTEJO

formas e pormenores bellissimos, sem carecerem da grandeza primitiva que, aproveitada com excepcional talento pelo seu eminente espirito litterario, apparece completa e desliza magnifica, esplendida, ao som que produzem as cordas harmoniosas da sua cithara de ouro.

O pantheismo lateja em todas as fibras do *Ramâyana*. Valmiki faz percorrer o seu poema um cyclo immenso de tradições, idéas, mythos, epocas, espaço e acção. A poesia homerica agita-se em mais estreitos limites.

Quanto á linguagem dos dois poemas, a de Valmiki é mais energica, mais phantasiosa que a de Homero. A d'este é mais simples, mais natural, mais espontanea. Cousa singular! Parece incrivel que Homero com o seu idioma quasi virgem, soubesse dar tanto relevo á sua obra; e que Valmiki, mais arrojado nas idéas e senhor de uma lingua mais opulenta, não lograsse n'este ponto egualar o creador da *Odysséa*.

(Continúa.)

Francisco de Almeida.

FERNÃO DE MAGALHÃES

DESCOBRIDOR DAS FILIPPINAS

(Continuado do n.º 698)

XVIII

Morreu o grande capitão ás mãos dos selvagens de Mactan, n'uma lucta tão heroica quanto ingloria, para quem se tinha proposto a tão grande empresa e a levara a cabo atravez de todas as difficuldades e perigos.

Fernão de Magalhães, costumado a vencer até os proprios elementos, levou-se de enthusiasmo e não mediu o perigo de assim se expôr á morte que lhe traria ruina para elle e para a sua gente, que sem o chefe e desprestigiada, bem poderia ser victima d'aquelles selvagens, e perder o fructo de tantos sacrificios, ficando ignorado do velho mundo o resultado da aventurosa viagem, se nenhum dos ousados mareantes lograsse voltar á Europa, como quasi ia succedendo.

A morte do heroe teve effeitos desastrosos para toda a expedição, que desde aquelle momento perdeu o prestigio que a fazia respeitar e temer no espirito dos habitantes das ilhas.

O rei de Zebu, que tão docil se mostrara, chegando a fazer-se christão e a alliar-se com estes contra os selvagens de Mactan, depressa mudou de idéas e concertou com os seus para dar morte aos castelhanos traiçoeiramente.

Cinco dias depois do triste acontecimento que acabamos de narrar, a 1 de maio de 1521, nova desgraça viera ferir os castelhanos. Moveu-a a intriga e o despeito de um escravo de Magalhães, que era o lingua da expedição, pelo que refere Pigafetta e conforme o que Sebastião de Elcano declarou no inquerito que, em 1522, se levantou sobre a viagem de Magalhães e tragico fim do valoroso capitão.

Aquelle escravo tinha seus aggravos de Duarte Barbosa que, com Serrão tomara o commando da frota, e para vingar-se persuadiu o rei de Zebú de que os christãos o queriam trazer captivo para a Europa. Esta falsa denuncia foi como que o fogo lançado ao rastilho, pois de mais estava já o rei de Zebú incitado pelos regulos de Mactan, que o ameaçavam de morte e lhe destruir os seus dominios se elle não desse cabo dos castelhanos.

Faltando-lhe, porém, a coragem para se defrontar com os europeus em lucta leal, o rei de Zébu recorreu á traicão. Continuou a mostrar-se muito amigo dos castelhanos e fiel subdito do rei de Castella, ao qual queria mandar um valioso presente. Para fazer entrega d'esse presente convidou os commandantes Barbosa e Serrão a jantarem com elle em terra e que trouxessem os immediatos e mais pessoas da frota que entendessem, com o que lhe dariam grande honra.

Duarte Barbosa, João Serrão e mais vinte e sete homens, entre os quaes se encontravam Luiz Affonso de Goes, portuguez arvorado commandante da caravella *Victoria*, depois da morte de Magalhães, o piloto André de San Martin, Sancho de Heredia e Leão da Espeleta, escrivães da frota, e o capellão Pedro da Valderrama. [1]

Foi isto na manhã do citado dia 1.º de maio. O rei de Zebú com alguma gente de seu sequito aguardava na praia a chegada dos convidados, e logo que estes desembarcaram encaminharam-se todos para um palmar, á sombra do qual estava preparada a refeição.

O logar não podia ser mais ameno para resguardar dos raios ardentes do sol, que a custo penetravam aqui e acolá por entre as fisgas das largas folhas das palmeiras que formavam abobada sobre o recinto do festim, vindo reflectir nos vasos de oiro e nas porcellanas dispostas sobre a esteira que fazia de mesa, como era uso.

O rei apparentava toda a docilidade e gentileza de que podia dispôr e com elle a sua côrte se mostrava em extremo submissa aos christãos, de modo que nada fazia suspeitar da traição que tinham armado; só João Serrão desconfiava de alguma cilada, mas pouco valeu a sua desconfiança, porque Duarte Barbosa, nada receiando, instou com elle para que o acompanhasse, e Serrão accedeu para não ser tido por timorato ou cobarde.

Em volta da esteira todos se sentaram e principiaram a servir-se do que havia, comendo e bebendo em boa convivencia, mas cedo reconheceram o engano, porque um bando de indigenas armados, que surdiu de emboscada, lançou-se traiçoeiramente sobre os castelhanos e logo se armou alli uma lucta braço a braço, cada vez mais terrivel, sendo os indigenas em tão grande numero que impossivel era submettel-os.

Os castelhanos foram todos assassinados e só João Serrão escapou n'aquelle momento á furia dos selvagens por um certo prestigio que tinha sobre elles.

De pouco isso lhe valeu! Dois tripulantes, mais felizes que seus companheiros, que em terra pereceram na lucta desegual, haviam-se afastado ao desembarque, suspeitando de alguma cilada, e assim que conheceram a traição, foram-se para bordo a dar parte ao piloto portuguez João Carvalho, do que occorrera em terra. Carvalho immediatamente mandou approximar os navios da terra e rompeu fogo de artilharia contra a ilha.

Os indigenas, sentindo os tiros, apoderaram-se de João Serrão depois de encarniçada lucta, em que este ficou mal ferido, e atando-o de pés e mãos, conduziram-n'o á praia ás vistas dos seus companheiros que dos navios continuavam fazendo fogo sobre a ilha.

Serrão vê-se perdido e grita e clama para os seus que cessem fogo e tragam presentes áquella gente para o resgatar. A confusão, porém, é enorme; João Carvalho não póde dar ouvidos a taes clamores, e receia nova traição dos indigenas, para se apoderarem do resto da sua gente e dos mal defendidos navios.

Para que se não perca tudo ingloriamente, só resta abandonar aquellas ilhas e fazer-se ao mar, para voltar a Hespanha como podesse e, emquanto João Serrão ficava na praia gritando para que o salvassem, porque o matariam assim que os navios largassem suas velas, João Carvalho foi ordenando as manobras e aproando ao mar as caravellas.

Serrão, a quem os indigenas, no primeiro impeto, haviam poupado a vida, soffreu as torturas de morrer inanime ás mãos d'aquelles selvagens, vendo fugir-lhe a unica esperança de salvação, que por momentos o animara, com a partida da frota. [1]

Triste e vergonhosa retirada aquella para gente que a tanto se afoitara, mas é evidente que já faltava alli o espirito do grande capitão portuguez que a animara e conduzira, por vontade ou por força, a dar a volta dos mares realizando a primeira viagem de circumnavegação.

Em Mactan deixaram Magalhães morto, que nem seu cadaver puderam arrancar do poder dos indigenas, e assim perderam a alma d'aquella empresa que assombrou o mundo; em Zebú ficavam Duarte Barbosa e João Serrão com seus companheiros victimas de uma traição.

De melhor sorte eram dignos aquelles

---

[1] Diego Arana. *Vida e viagens de Fernão de Magalhães.*

(1) Pigafetta, liv. II — Herrera, dec III, liv. I, cap. X.

Sobre este ponto encontro uma discordancia em Gaspar Correia quando este se refere á morte de Fernão de Magalhães, no tomo II das *Lendas da India*.

Segundo o phantasioso chronista, Fernão de Magalhães não morreu ás mãos dos indigenas da ilha de Mactan, mas sim no banquete do rei de Zebú, tendo ficado vencedor em Mactan, o que discorda completamente de todos os chronistas que referem esta viagem e das declarações feitas por Sebastião de Elcano e seus companheiros, no processo instaurado em Sevilha no anno de 1522.

Gaspar Correia, na sua linguagem barbaresca, que modificaremos para melhor ser entendida hoje, diz, referindo-se ao combate com os indigenas de Mactan: «O rei corrido vendo-se assim destroçado, concertou traição com o rei christão e fez com elle ajuste de casar com sua filha e com juras que, morrendo elle, que era velho, tudo lhe deixava e viviriam sempre amigos, porque os castelhanos se iriam embora, e se não acceita-se isto e lhe não desse modo de matar os castelhanos, lhe faria guerra. O que o rei christão, como homem brutal, consentiu na traição e preparou grande festa e banquete pelo vencimento, e convidou Magalhães, que foi ao banquete com trinta homens os mais honrados e bem vestidos, onde estando todos no banquete folgando, entraram os inimigos armados e mataram a Magalhães e os castelhanos não escapando nenhum e o Serrão o despiram e arrastaram á praia onde o justiçaram e mataram arrastado.»

bravos, que nem tiveram quem alli os vingasse.

(*Continúa*). CAETANO ALBERTO.

OURO ESCONDIDO

NOVELLA ITALIANA DE SALVATORE FARINA

(Continuado do numero anterior)

XV

Durante todo o dia a Amalia pensou em tão extranha venda; aguardava a noite com afan e um tanto despeitada, e a si propria dizia, com certa confusão: «Ha de vir e querer que lhe pague.» Ao mesmo tempo, estava morta por ver o momento da chegada, e de liquidar, por uma vez, a questão.

Quando estava mais entretida, e no meio de qualquer afazer domestico, estacava e dizia, sorrindo:

«Ah! com que então os taes cavalheirinhos lá do Casino teem caprichos, como quaesquer mulheres nervosas!... Têem?— pois que os paguem!... Fiz mal em não lhes pedir mais; o bastante para fundar um hospicio ao qual havia de pôr o nome de: *Hospicio dos tres beijos*... Fui bem tola! O que são tres mil francos para gente que não conta o que gasta?—Nada... Se é verdade que o tal Banco lhe roeu o capital, elle é capaz de nem ter dado por semelhante coisa... Estamos vendo a cada passo que uma lição só não basta para que tomem emenda estes amadores da folia... A estreitez de meios não basta, é necessaria a miseria... e nem sempre é bastante... Ha pessoas, segundo eu tenho ouvido, que muito se ufanam por que souberam contrahir dividas no valor de um milhão!...

Mas, por mais que dissesse, uma vozinha lá ao longe, a voz de um remorsozinho apenas nascido, repetia-lhe que fôra crueldade obrigar o Frederico a gastar tres mil francos em tres beijos que não chegou a receber... E para não fazer caso do pêso d'aquelle recem-nascido, a donzella, sem dar por isso, chamava estupido e vaidoso, a alguem, em voz alta.

—A quem estás tu a chamar estupido?—perguntava placidamente a mamã.

A Amalia fazia-se muito córada e não respondia.

A Tranquilina tinha tomado á boa parte a tal scena da feira.

—Foi capricho—dizia:—Fantasia que lhe lembrou de repente; porque é que has de crer que o fez para te humilhar? Não é a primeira vez que em feira de Beneficencia uma menina bonita vende um beijo; tu vendeste tres e fizeste-os pagar um tanto caros;—ahi é que está a differença.

—E' que tu não sabes—objectava a Amalia.

—O que é que eu não sei?

—Que não me pode ver; que lhe sou antipathica.

—Enganas-te—respondia Tranquilina;—ninguem vae comprar beijos a uma mulher antipathica, como ninguem os compra tambem, á mulher que ama. És lhe indifferente, nem mais nem menos.

—Mas eu detesto-o! Elle sabe-o e vingou se!

—E porque o detestas?

E como a Amalia tardasse um tanto em responder, a excellente senhora acrescentou:

—Cuidado, filha, o odio offende o proprio que o alimenta; todo o sentimento mau tem um lado bom; esquadrinha o fundo do teu coração e vê se achas lá coisa melhor para o sr. Frederico.

A Amalia correu a esconder-se no seu quarto e disse em voz alta, como se estivesse falando com um invisivel interlocutor:

«Ouviste?—Tenho de procurar coisa melhor para o sr Frederico; tenho de esquadrinhar bem e por todos os escaninhos o fundo do coração. Se é verdade o que diz a mamã, os sentimentos são como os corpos solidos que nos ensinavam lá na aula de geometria: teem diversas faces; a questão é encontrar a mais bonita... Se em vez do odio que offende ao proprio que o alimenta, pusessemos o desprezo tranquillo, circumspecto?

Porém a mesma visinha longinqua, tomando de emprestimo as palavras da mãe, disse-lhe:

«Esquadrinha o fundo do teu coração e procura coisa melhor para o sr. Frederico.»

«Melhor seria! pois não! muito melhor—exclamou a Amalia—uma indifferença solemne, inalteravel, que vale infinitamente mais que o desprezo. Mas se *elle* está indifferente, como diz a mamã, eu é que não posso responder por mim..»

«Será certo»—accrescentou d'ali a nada, abandonando o caminho traçado por seus pensamentos,—será certo que elle tão pouco me detesta; que quiz dar-me a entender que tem dó de mim, que me perdôa e que lhe não importa coisa alguma do que eu disse e do que fiz, ou do que eu possa dizer ou fazer?...»

Não podia já, por mais que quizesse, retroceder n'aquella vereda, em que inadvertidamente pusera o pé, tinha de seguir por ella até ao fim.

—«Tem dó de mim!—disse, afinal—talvez que eu lhe inspire compaixão; acha me um tanto extranha, um tanto louca e muito creançola... Far-lhe-hei sentir tambem a minha compaixão, mostrar-me-hei cheia de misericordia; parecerá que choro a bom chorar a sua sorte adversa que lhe deu um cerebro balôfo, uma vontade tão inconsequente e uma desconfiança a tal ponto nescia. Este sim, este é que é um bom sentimento; chama-se, se me não engano, amor do proximo. Já dei com elle! O sr. Frederico que venha quando quizer; estou disposta a ter dó d'elle, com todo o meu coração...»

E sahiu do quarto, determinada a não pensar mais no assumpto, o que não era tão facil como lhe parecia; á mesa, cada palavra que lhe recordava a visita imminente de Frederico levava-a a reconsiderar nos seus designios e a mudar de idéa, e quando, por ultimo, a campainha tocou de modo timido e discreto, pareceu á joven que mão occulta lhe arrebatava todo o aprumo, e que entretanto, a consciencia lhe dizia, baixinho:

—E' escusado; quando elle te houver beijado por tres vezes, terás acaso arrogancia para te mostrares desdenhosa? O melhor é levares o caso a rir e offereceres-lhe a tua amisade... Como porém esse homem deve ser dotado de immensa fatuidade e é capaz de imaginar Deus sabe o quê, a primeira confidencia que em amigavel segredo tens a fazer-lhe é que o engenheiro Enéas te quer para sua esposa e que consentes em casar com elle... Elle ahi está... abrem a porta do patamar, ouvem-se-lhe os passos na saleta. Põe-te a rir, se queres mostrar-te senhora de ti.»

Abrira-se com effeito a porta do patamar, ouviram se passos na sala de espera e um homem parou nos humbraes do aposento, para cumprimentar.

—Entre! entre!—disseram os circumstantes.

Mas não era o Frederico; era um engenheiro pallido como a pedra do sepulcro e melancolico qual um epitaphio.

XVI

Em que Amalia adopta uma resolução

O Frederico não appareceu.

A Amalia depois de ter ouvido tocar dez vezes a campainha, que ninguem tocára, resignou-se a já não esperar, porém, jurou a si propria preparar com todo o seu vagar inexoravel vingança para aquella nova impertinencia

E, emquanto o melancolico Enéas, resvalando pelo declive da paixão, a contemplava com os olhos espantados, como se contemplam trevas que podem esconder um abysmo, resvalando, porém, sem que pudesse conter se e apaixonando-se cada vez mais; ella, a joven mais linda de todo o universo, ostentava nos labios amargo sorriso e no rosto essa especie de véo, mediante o qual a distracção parece encobrir-nos a pessoa que temos defronte. Pensava:

«Tem razão a mamã: sou-lhe indifferente, e dá-m'o a entender por forma delicada; comprou por tres mil francos o direito de fazer com que falem a seu respeito no Casino, por espaço de tres semanas; com os tres vales, é muito capaz de ter, a estas horas, accendido tres charutos... Fumo, fumo e mais nada!... é a sua vida.

O pobre do Enéas notou n'aquelle instante um geitinho tão gracioso, tão irresistivel, nos labios da joven, que mais não poude resistir, e com uma unica escorregadela, fez toda a viagem da ultima semana de fevereiro. Sentiu-se perdido, suspirou e quiz dizer coisas muito bonitas que a Amalia não escutava.

Porque a Amalia, seguindo seus pensamentos, a si propria se interrogava, e reconhecendo as excellentes disposições em que se encontrava pouco antes com respeito áquelle desventurado, culpava-o de novo, como se elle devesse adivinhal a. Dizia comsigo:

«A elle que lhe importa a minha amizade? Sou eu que necessito da sua para lhe poder dizer tudo que sinto .. Mas não lhe entra na cabeça que as cartas todas dos periodicos quem lh'as mandou fui eu; e quem sabe que coisas lhe terá escripto e lhe escreverá a estas horas aquella nescia!...»

Ao pensar assim, tornava a apparecer-lhe nos labios aquelle geitinho, fatal para o pobre engenheiro.

«Oh! sim! necessito vêl-o, fallar lhe—concluiu a Amalia;—as intelligencias taciturnas nunca fazem nada com geito; a gente deve explicar-se em voz alta e dizer tudo quanto tem a dizer, quando quer emendar um assumpto que não vae bem.—E este não anda lá muito bem! Farei com que lhe peçam que venha visitar-me!.. »

—Senhor Enéas—disse de subito, atalhando uma phrase galante que o engenheiro tinha nos labios—já hoje viu o senhor Frederico?

Estas palavras produziram effeito mui singular, porque, emquanto fallavam de mil coisas e ninguem nomeava o incauto mancebo, todos pensavam n'elle.

—Ainda não,—replicou o engenheiro—Ainda hoje o não vi, posto que...

Aquelle *posto que* promettia uma conclusão que não veiu.

—Se acaso o vir ámanhã, quer fazer-me o favor de lhe dizer que venha vêr-me, porque necessito fallar-lhe?

—Pois não, minha senhora!—balbuciou o Enéas.

E pareceu-lhe que se tinha engrandecido, e engrandecido de modo descommunal, e fizera-se tão pequenino que estava quasi microscopico, orgulhoso e humilhado; a um tempo, amante correspondido e receioso... Sentia-se elevado a ponto de poder tocar no sol com o dedo, sem se queimar... mas não sabia se lhe deveria tocar...

Romulo, antes de sahir, achou modo de se aproximar da Amalia e de lhe dizer com accento carinhoso:

—Isto que significa?—Significa—retorquiu a joven com modo resoluto—que estou decidida; caso com o engenheiro, e como para um marido não deve haver segredos, quero contar lhe tudo deante do senhor Frederico.

—Mas devéras, está decidida?

—Estou; e o senhor se o quizer dizer ao engenheiro, póde dizer-lh'o.

Algum duendesinho familiar (quiçá o espirito do Leão, ou o da Candida, impacientes ambos de virem a este mundo) murmurou ao ouvido do engenheiro, que o Romulo e a Amalia estavam a fallar a seu respeito.

—O que foi que ella te disse?—indagou o Enéas na rua. Romulo, porém, foi cruel o bastante para não lhe satisfazer o desejo. O engenheiro perguntou:

—Quem sabe para que quererá vêr o Frederico?

E o amigo, implacavel, e violando os deveres todos da amizade, retorquiu:

—Quem sabe lá!

(Continúa) *Pin-Sél.*

BILHETE POSTAL

Apresentamos aqui aos nossos leitores uns especimens dos bilhetes postaes edição do sr. Luiz Augusto das Neves, habil impressor, na typographia do nosso estimado amigo sr Augusto Ernesto Barata, onde é impresso o OCCIDENTE, que, devido á intelligencia d'aquelle artista, rivaliza hoje, na impressão, com as melhores publicações extrangeiras.

São dois os modelos dos bilhetes postaes, de que o primeiro é uma bella composição allegorica do nosso distincto collaborador sr. José Pardal; o segundo representa um trecho da Feira Franca, na Avenida da Liberdade, vendo-se na parte direita do bilhete, o carro da Ollaria Lamego, que figurou no cortejo do dia 19 de maio.

Com este modelo fez e sr Neves um outro bilhete, verdadeira novidade entre nós, que denominou bilh te pessoal, e onde, no lado direito do mesmo bilhete, no logar onde figura o Carro da Ollaria Lamego, se colloca o retrato em photographia, ou em gravura da pessoa que envia o bilhete.

D'este modo, qualquer pessoa que adquira este bilhete, póde collocar n'elle o seu retrato e envial-o a quem o destinar.

Os bilhetes postaes do sr. Neves teem tido extraordinario consumo, porque são realmente de bom gosto, accrescendo ainda a extrema barateza, pois que os vende a 20 réis cada um.

A collecção em varias cores é de 19 bilhetes, e tanto para collecção como para bilhetes isolados se recebem encommendas na EMPRESA DO OCCIDENTE.

A JORNADA DE AFRICA

É curiosa a relação dos generos e objectos que o rei D. Sebastião mandou adquirir no estrangeiro, quando se aprestava para a desventurada jornada de Alcacer Quibir.

Foi Nuno Alvares Pereira quem D. Sebastião mandou a Flandres, afim de aprestar as cousas necessarias para a referida jornada, dando-lhe ao mesmo tempo amplos poderes para obter a juro 400.000 cruzados, á razão de 8 por cento, garantindo os pagamentos com a pimenta e drogas da India, na fórma que melhor lhe parecesse.

Alem d'isso deu o mesmo monarca ao mencionado Nuno Alvares os poderes necessarios para rescindir o contracto que aquelle havia feito com Conrado Roth e Nathanael Jung, de 92.000 quintaes de pimenta, por tres annos, ao que elles accederam, podendo Nuno Alvares celebrar novo contracto com outras pessoas que melhor julgasse.

Por carta sua, feita em latim, em 11 de dezembro, mandou D. Sebastião ao mesmo Nuno Alvares que tentasse realisar na Allemanha um contracto para a acquisição de uma grande porção de trigo bom e por preço economico, encommendando-lhe mais: 2.000 quintaes de polvora, 1.000 de bombarda e 9 000 de arcabuz, uma porção de salitre, 500 mosquetes, um par de mestres de artilheria que quizessem viver em Portugal, e que fossem catholicos, tratando tambem com Nathanael, correspondente de Conrado, a vinda de sessenta bombardeiros dos de campanha, e dos quaes se podessem fazer «condestables».

Finalmente, que procurasse o modo mais accommodado de obter mestres, breu e outros artigos, e realisar novo contracto do sal.

O que por essa occasião se mandou vir de Flandres e da Allemanha, para a mencionada jornada, foi o seguinte;

De toucinhos, 30 quintaes.

De Chassina, 4.500 quintaes.

De queijo, 3.090 quintaes.

De farinha de trigo, 6.000 barris.

Seis peças de artilheria, de campo, com os seus repairos e outras seis para cá se imitarem.

Dous mil pelouros de ferro coado para estas peças.

Oitenta rodas de repairos, de raios, forradas de sua ferragem, para repairos de artilheria, conforme as demais que de lá haviam de vir, e que deviam ser fortes, conforme ao uso da Allemanha.

Quarenta eixos para estas rodas.

Sessenta *falcas* grandes de repairos.

Tres vais-vens de madeira com suas argolas de ferro e cadeias.

Dous vais-vens mais pequenos, como os de cima, com suas argolas e cadeias de ferro.

Quatro artilheiros de campo, sessenta bombardeiros allemães, de entre os quaes deviam vir seis para condestables.

Mosquetes grandes, 3000, todos de um pelouro.

Arcabuzes de Nuremberg, 4 000, todos de uma munição e pelouro.

Murriões de arcabuzes, 12.000.

De polvora, 2.500 quintaes, 10 de bombarda e 1.500 de espingarda.

De enxarcia sorteada de todas as sortes, 1 200 quintaes.

Mil lanternas.

Tresentos quintaes de candeias de cebo, encaixotadas em caixões.

Cem quintaes de cebo em quartos.

Cem quintaes de cera.

Vinte baldes de couro.

Quatrocentos cantaros de cobre.

Dez caldeirões de cobre, de tirar agua dos poços.

Dez ditos, de folha de lata, sorteados entre grandes e pequenos, sendo tres partes dos mais pequenos.

Vinte mil escudelas de pão.

Vinte e quatro balanças com seus pezos, para se dar regra de pão, queijo e carne.

Doze balanças para se pezar polvora e chumbo aos soldados.

Quatro mil sapatos de couro, de differentes medidas, para gente de estatura grande.

Oito mil murrões alcatroados, para alumiar de noute como tochas.

Tres barris de breu.

Cento e cincoenta barris de alcatrão.

Quarenta quintaes de enxofre.

Cincoenta sacos de canhamaço, cada um dos quaes podem levar seis ou sete alqueires de trigo.

Oito escadas grandes, quebradiças, com sua ferragem.

Vinte mil varas de canhamaço.

Oitocentas lonas para tendas.

E quatro engenhos para levantar a artilheria, como costumavam trazer na Allemanha os carros das conducções, guarnecidas com as respectivas cadeias.

Mais tarde, D. Sebastião mandou vir mais 20 arcabuzes e 100.000 murriões.

Porto. *Manuel M. Rodrigues.*

CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA

Carro da Ceramica da Viuva Lamego
FEIRA FRANCA

BILHETES POSTAES COMMEMORATIVOS DO CENTENARIO

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39